

A dificuldade entre ideologia e realidade

Quando a RAF (Facção do Exército Vermelho) aterrorizou grande parte da República Federal da Alemanha na década de 1970, muitos partidários da esquerda tradicional, especialmente os estudantes da Liga Estudantil Socialista, tiveram seus problemas. Por um lado, os membros da RAF foram seus camaradas nas marchas da Páscoa da década de 1960 contra o rearmamento, especialmente o nuclear, contra a Guerra do Vietnã e a emergente Guerra Fria na Europa. Por outro lado, essa violência rejeitada passou a ser usada pela RAF contra instituições e indivíduos na Alemanha.

Como você deve se comportar? Juntos, eles construíram uma ideologia que deveria mudar o establishment reacionário na Alemanha, na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, para construir um novo futuro pacífico, e agora companheiros do mesmo movimento começaram a realizar atos de violência que serviriam ao mesmo objetivo de mudar a antiga estrutura de poder. A ideologia começou a vacilar. Eles rejeitaram as ações da RAF, mas emocionalmente foram solidários.

Se estamos assistindo atualmente às manifestações mundiais pró-Hamas e pró-Gaza, nas quais até políticos famosos também estão se articulando, certamente podemos ver paralelos entre a ideologia tradicional de esquerda de direitos iguais para todos os povos e contra toda opressão, mas é difícil condenar a violência de 7 de outubro contra Israel.

Políticos como o presidente Lula, no entanto, têm as maiores dificuldades em conciliar sua ideologia e realidade durante esse tempo, porque muitas coisas se dissolveram, a Rússia não é mais a base da ideologia comunista, mas simplesmente uma ditadura estatal que quer anexar um país vizinho e está no processo de declarar o resto da Europa inimigo número um. Isso se pode dizer da Venezuela e de outros países latinos. Não há ali uma mudança socialista, mas apenas a eliminação da democracia.

Em tempos como esses, só se pode perguntar: Quo vadis – Lula?

Die Schwierigkeit zwischen Ideologie und Realität

Als die RAF (Rote Armee Fraktion) in den 1970er Jahren weite Teile der Bundesrepublik terrorisierte, hatten viele Anhänger der traditionellen Linken, besonders die Studenten des Sozialistischen Studentenbundes ihre Probleme. Einerseits waren Mitglieder der RAF

ihre Mitstreiter in den Ostermärschen der 1960er Jahre gegen die Wiederaufrüstung, besonders die atomare, gegen den Vietnamkrieg und den entstehenden kalten Krieg in Europa. Andererseits wurde diese abgelehnte Gewalt nun von der RAF gegen Institutionen und Personen in Deutschland angewandt.

Wie sollte man sich verhalten? Gemeinsam hatte man eine Ideologie aufgebaut, die das reaktionäre Establishment in Deutschland, in Westeuropa und auch in der USA verändern sollte, eine neue friedliche Zukunft aufzubauen, und nun begannen Genossen aus derselben Bewegung Gewaltakte durchzuführen, die demselben Ziel dienen sollten, das alte Machtgefüge zu verändern. Die Ideologie geriet ins Wanken. Man lehnte die RAF-Aktionen ab, hatte aber im Innern Verständnis für sie.

Wenn wir nun derzeit, die weltweiten Demonstrationen pro-Hamas und pro-Gaza beobachten, wobei sich auch führende Politiker artikulieren, so kann man durchaus Parallelen zwischen der traditionellen linksgerichteten Ideologie des gleichen Rechts für alle Völker und gegen jegliche Unterdrückung erkennen, tut sich aber schwer darin die Gewalt vom 7. Oktober gegen Israel zu verurteilen.

Politiker wie Präsident Lula, haben aber in dieser Zeit die grössten Schwierigkeiten, ihre Ideologie und die Realität unter einen Hut zu bringen, denn es hat sich vieles aufgelöst, Russland ist nicht mehr die Heimatbasis der kommunistischen Ideologie, sondern ganz einfach eine Staatsdiktatur, die ein Nachbarland annekieren will und dabei ist den Rest Europas zum Feind Nummer eins zu erklären. Ähnliches lässt sich auch von Venezuela und anderen Ländern Lateinamerikas sagen. Dort findet keine sozialistische Veränderung statt, sondern lediglich die Eliminierung der Demokratie.

In solchen Zeiten kann man nur fragen: Quo vadis – Lula ?